

CEDI - P. I. B.
DATA 20/08/86
COD CJD08

T E R R A K A Y A B I

ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DO PROBLEMA DE TERRA DOS KAYABI

João E. Dornstauder

1950 é tomado como ano de referência.

1. Há dois grupos de Kayabi, distinguidos geograficamente e por ligeiras diferenças étnicas e linguísticas:

- a) o grupo do Teles Pires;
- b) o grupo Arinos - Rio dos Peixes, denominados frequentemente "TATUÊ".

1.1. O primeiro grupo ocupa efetivamente o Teles Pires ou rio Paranatinga (nome mais popular) desde um pouco acima da barra do Rio Verde até perto da barra do rio Paixoto de Azevedo.

1.2. O segundo grupo habita na área ente o Arinos e o Rio dos Peixes ou Tatuiy. No diário do P.I.A. José Bezerra no alto Teles Pires, década de 40, esses índios são denominados "Tatuê" e "Arinos". Note-se que o nome é do respectivo rio e também dos seus habitantes. "Tatuê" é pronúncia popular.

1.3. Existe também um grupo no Pará ligado desde 1941 ao Posto "Teles Pires", depois denominado "Posto Kayabi". Diz respeito aos Kayabi que depois de 1930 desceram o rio Teles Pires, existindo um certo vai e vem no meio de outros mais fixos nesse novo habitat.

Há ainda o grupo ligado ao Posto José Bezerra (S.P.I) recrutados de 1.1 e 1.2. Existem uns tantos destribalizados, relativamente poucos. Depois de 1965, ao se desativar o Posto José Bezerra, um grupinho se ligou ao Posto Fraternidade Indígena, perto de Barra dos Bugres. Alguns se extraviaram.

1.4. A origem da tribo em geral, e o relacionamento etno-histórico e étnico dos grupos 1.1 e 1.2 ainda não estão bem esclarecidos.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	___/___/___
Cod.	00008

2 Área dos KAYABI TATUÊ em 1950 - ver mapa anexo.

2.1. No oeste: a margem do Rio Arinos, lado direito, desde a barra do Rio dos Peixes até a do correço São Miguel.

no sul: o mesmo cor. São Miguel;

no norte: o baixo curso do Rio dos Peixes;

no leste: o mesmo Rio dos Peixes com suas cabeceiras mais orientais.

2.2. As cabeceiras formando um amplo leque, ultrapassam um pouco o paralelo 12º. O curso mestre do rio, formando um grande arco, procura o norte. Alcançando o paralelo 11º, o rio toma uma direção francamente oeste, obrigado pela Serra Cajabis (nome popular que aparece nos mapas). Essa serra acompanha o rio no lado direito desde a região dos seus formadores mais orientais até a confluência no rio Arinos. Ela mesma separa as águas do Rio dos Peixes das do Teles Pires e Rio Verde ao Leste; e das águas do rio Matrinchá (ou São João da Barra) e rio Apiaká no norte.

2.3. Enquanto a margem do rio Arinos apresenta um limite como que linear, o cor. São Miguel, como limite - inclui toda a faixa de terra banhada pelas suas cabeceiras e de seus correços afluentes. Enquanto o Rio dos Peixes, como limite, inclui a Serra dos Cajabis que o flanqueia, com todos os córregos das suas vertentes.

São portanto, formações geográficas bem determinadas que delimitam a TERRA TATUÊ; e, ao mesmo tempo permitem a comunicação, e logo mais, também a penetração e invasão. A Serra Cajabis, do lado leste, dá passagem diretamente às terras dos Kayabi do rio Teles Pires.

3. ROTAS de comunicação.

3.1. Os cursos de água. O "mato". Os TATUÊ são bons navegadores e bons "corredores" de mato.

3.2. Usam dois roteiros mestres:

1º Subindo o Rio dos Peixes até onde o rio ainda aceita canoa; onde varam o cerradão até encontrar certo porto no Rio Branco, o qual cai no Rio Verde e esse desemboca no rio Teles Pires (ver croqui Mairirũ).

2º Do Teles Pires, subindo o cor. Jaguaru ou Tapayuna até perto das nascentes dele; e atravessando a "serra", dá-se nas cabeceiras do Coatã, que cai no Rio dos Peixes, lado direito, pertinho da barra do cor. Batelão no mesmo rio, só que do lado esquerdo.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	___/___/___
Cod.	CJ1008

3.3. Por estas e outras rotas os Kayabi comunicavam-se entre si livremente. Nas suas correrias, antes de 1950, afastaram-se muito do seu território até o Pará, dirigiram-se às cabeceiras do Arinos e Teles Pires, do Rio Cuiabá e do Xingu.

4. VIZINHOS E CONTATOS

4.1. APIAKÁ - Quando viviam no rio Arinos - já no séc. XVIII e primeira metade do sec. XIX - devem ter sido de algum modo vizinhos dos Kayabi. Houve relacionamentos por causa das pedras para machados, encontráveis acima do Salto do rio dos Peixes. Não se conhecem maiores detalhes a respeito disso. Na década de 50, do atual século, houve visitas amigáveis de Kayabi aos Apiaká do rio Apiaká (do Teles Pires). Em 1955 encontrei um Apiaká casado com uma Kayabi no Tatuy.

A tradição Kayabi narra que este povo vivia junto com os Apiaká, no lado direito do rio Arinos, região de cerrado. Teriam se separado por causa de um periquito e mulher. Ver Grünberg Beitrage, p. 164. Nota, essa informação é de Ipepuri (Kayabi) Apesar de alguma contradição, refere o fato de um vizinhança primordial. A informação sobre uma antiga convivência deve ser verdadeira, porque aparece também isolada e firmemente reafirmada como "antigamente". Observa-se ainda que os relacionamentos entre Apiaká e Kayabi, pelo que se conhece, sempre são assim - vacilantes.

4.2. BAKAIRI. Diz a tradição Bakairi, firme e constante, que os Kayabi viviam junto com eles no rio Paranatinga, nas proximidades do Salto (Magessi); devido ao machado de pedra e mulheres" (Steinen 1940, 479 e 500), surgiu entre eles uma feroz inimizade, ainda viva na primeira metade do século XX. A vizinhança relativa do Posto do S.P.I. José Bezerra - para os Kayabi, a partir de 1929 e do Posto S.P.I. Simões Lopes, para os Bakairi, contribuiu para que se amainasse o relacionamento entre as duas tribos.

4.3. ÎPEÚ - BEIÇO DE PAÚ - TAPANHUNA - TAPATUNA.

Viviam nos dois lados do alto e médio rio Arinos. No início do séc. XX, os do lado direito foram expulsos pelos seringueiros para o lado esquerdo. No entanto continuam a caçar e perambular no lado direito, descendo até o cór. São Miguel,

onde se encontram com os Kayabi. Na década de 60 desse séc. foram encontrados várias vezes pelos moradores civilizados da cabeceira do cor. São Miguel e no seringal, um pouco para baixo no rio Arinos. "São nossos inimigos" dizem os Kayabi. A origem dessa desavença foi conservada pela tradição Kayabi, cf. Grünberg - Beiträge, p. 164.

1958 4.4. RIKBAK TSA. Vizinhos dos Kayabi no lado esquerdo do baixo rio Arinos. Cada uma das duas tribos respira o território da outra. Os Rikbaktsa sobem por terra ao longo do Rio dos Peixes, até o Salto do mesmo rio para apanhar taquara, o que os Kayabi parecem tolerar. O último caso foi observado em 1957, ainda antes da primeira fala com os Rikbaktsa. Já em 1959, após contato pacífico, um Rikbaktsa negou-se a continuar viagem no nosso barco ao entrarmos no Rio dos Peixes, vindo do Arinos, dizendo "Kayabi! Kayabi!" - Nós no outro lado!" Acompanhou as palavras com gestos para não permitir dúvida. Portanto, numa data tão recente, essa declaração importante reconhecendo explicitamente que aos Kayabi ficava o direito a essas terras.

4.5. YPEUÏ ou NHAMBIKWARAS - "índios bravos" ao Norte. - talvez os atuais Kreenakarore. A última maloca Kayabi, de Luiz França, localizada a oito léguas abaixo da barra do cor. Jaguaru, em 1955, era considerada relativamente próxima do território desses vizinhos.

4.6. MUNDURUKU. "Antigamente" eles moravam mais para cima no rio Tapajós e seus afluentes. "Teriam" inquietado, com seus ataques, todas as tribos da região do Arinos e Xingu" (STEINEN, 1940, 499ss). Isso deve se referir ao segundo e terceiro quartel do séc. XIX.

Entre os Kayabi, as hostilidades dos Munduruku ainda hoje são vivamente recordadas na sua tradição, que vem dos antepassados, e nos cantos de festa Jawosi. Parece que os Munduruku entravam pelo curso baixo de Rio dos Peixes, abaixo do Salto Kayabi, que significava uma espécie de portão de entrada que atrai os que sobem e descem o rio Arinos. Atacaram aldeias Kayabi no cor. Jaú, afluente do Rio dos Peixes que desemboca um pouco abaixo do Salto. Entre os prisioneiros havia uma moça Kayabi, à qual fizeram cortes entre os dedos dos pés para que não fugisse. Apesar disso, amarrada ainda como estava, ela fugiu durante a noite. Para se livrarem desses ataques, os Kayabi transferiram quase todas as aldeias da margem do Rio para o interior, ao longo dos córregos. Não abandonavam a terra, mas era uma estratégia de defesa.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
 Data ____/____/____
 Cod. 03008

Nas décadas em volta da última passagem de século, surgiu uma situação contrária que fez os Kayabi retornarem para a beira, e ao mesmo tempo, seguiam uma tática de ocupação global das suas terras entre o Arinos e o Rio dos Peixes.

4.7. TAPYÿ - PIAT, isto é "índios bravos vestidos", que são os civilizados invasores das terras indígenas.

5. Presença Histórica

A presença Kayabi é historicamente verificável até 1950 na sua área, ver n. 1.

"Tudo que se sabe..." de 1848 a 1950... vivem os índios Kayabi a partir das cabeceiras do Rio Verde para baixo entre esse mesmo Rio Verde e o rio Teles Pires no qual desemboca, mais para baixo, ao longo deste. Aí foram encontrados como vizinhos dos Bakairi, de quem eram inimigos.

"Grandes roças, pedra para machados e mulheres" caracterizam o empenho na vida deles, e fazem compreender as motivações históricas.

Nesses cem anos, entremeados com lutas com os Bakairi e com elementos de outras tribos, conseguiram firmar-se na área da qual trata o n. 1 deste relatório.

Em 1927, Max Schmidt, vindo do Simões Lopes, pousando na tal "lagoa" do rio Verde, escreve: "aqui começa o território que os Kayabi reclamam como seu", 1942, p.10. No mesmo ano, tendo Schmidt já voltado a Cuiabá, "Os Kayabi assaltaram, não longe de tal lagoa, a tropa do Posto, que vinha de Rosário d'Oeste, como atitude de defesa de seu território.."

A partir desse ano amainou a resistência guerreira dos Kayabi. Contribuiu para tanto o Posto do S.P.I., que teve que transferir-se duas vezes até acertar o lugar, nem tão perto das aldeias e nem muito longe, de modo que dificultasse a atração.

(Observação: outras partes referentes a este relatório estão sendo pesquisadas)

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Date / /
Cod. CDDO 8

5. PRESENÇA HISTÓRICA DOS KAYABI

5.1.a) Até 1950 não havia civilizados ocupando a terra Kayabi, com exceção da região compreendida entre o Rio Verde e o rio Teles Pires, da "Lagoa" até a barra do Rio Verde. No entanto, após muitas lutas acirradas por mais de meio século, essa região foi tomada pelos seringueiros.

A popularmente conhecida "Baiana" com sua família conseguiu estabelecer-se numa cabeceira do Rio dos Peixes, sorrateiramente. Mas, por volta de 1950 os Kayabi, depois de a flecharem e terem curado, toleraram sua permanência na área.

5.1.b) Consta na documentação histórica que os Kayabi ocupam há mais de um século essa terra. A partir de 1848 há registros da presença Kayabi nessa região.

5.2. Década de 50 - dois acontecimentos que ameaçam aniquilar a tribo: a) a extração da borracha
b) o projeto de colonização.

Quanto à exploração da seringa, registrou-se a expansão relâmpago da firma ERION Ltda. - feito notável na perspectiva econômica e política da frente pioneira de ocupação do Mato Grosso, mas ocorrência desastrosa para a tribo Kayabi.

1950: a exploração chega até a barra do Rio Verde;

1951: chega até o Porto Atlântida;

1952: chega até o Rio Pardo;

1953: chega ao término, no rio Peixoto de Azevedo;

1953: a turma de colação está um pouco abaixo do Rio Pardo, feitoria de Justino;

1954: o serviço de colação chega um pouco abaixo da barra do cor. Jaguaru, já próximo da divisa entre as terras Kayabi e Nambiquara;

1955: alcança pouco abaixo do rio Peixoto de Azevedo.

As duas manobras tiveram êxito total graças à frequente presença do Sr. Renato Spinelli e do Sr. Antonio Bernardino.

No seringal da ERION do Teles Pires, abaixo do Rio Verde, a situação, inicialmente calma e tranquila, de repente se transforma, devida aos abusos e prepotências dos seringueiros. Surge assim o dilema para os Kayabi: ou matar e queimar os

barracões ou, emigrar - alternativa esta favorecida pela presença dos Irmãos Villas Boas no projeto Roncador Xingu. Os Irmãos Villas Boas chegaram no rio Teles Pires em 1949 e em 1951 seguiram.

5.3. Venda das terras dos Kayabi do rio Teles Pires e do Rio dos Peixes a partir de 1955. (ver "Retrato do Estado do Mato Grosso", Fausto Vieira de Campos, S. Paulo, 1955). Para dar execução ao "Projeto de Colonização do Estado do Mato Grosso" - "que tem em vista ampliar o território civilizado ..." (op.cit. p.93), ... era necessário (?) fazer evacuar os Kayabi de seu território que ocupavam já antes da formação do Estado do Mato Grosso.

Em 1953 começaram os estudos para a medição e loteamento. A partir de 1957 iniciaram as vendas de terra. No mesmo ano foi feito o levantamento do rio dos Peixes a partir de sua barra até o Km 280, aproximadamente. Outra turma, de medição, vindo do rio Arinos, atravessaram o rio dos Peixes para continuarem a medir no outão lado até o rio Teles Pires; de volta, fabricaram barcos e desceram ainda em 1957. Essa operação foi feita em pleno território indígena. Os Kayabi mal perceberam o significado disso (ver anexo 1).

Aconteceu que após uma longa e acirrada resistência à qualquer penetração, os Kayabi deixaram tudo, procurando novo destino. O mecanismo complexo e inexorável de uma aculturação foi um processo atropelado e desastroso para as duas partes: civilizados e Kayabi. Isso devido a interesses nem sempre puros e íntegros. Termina assim a forte resistência pela defesa de **Suns** terras no Rio Verde em meados do séc. XX.

6. PRESENÇA DOS KAYABI HISTORICAMENTE VERIFICAVEL

6.1. Verifica-se em estudiosos da matéria as seguintes informações:

- a) A denominação "Kayabi" foi mencionada pela primeira vez em 1844 (cf. Castelnau, in Grunberg, Beitrage, p.42).
- b) Em 1848 é constituída a "Diretoria de Indios do Estado do Mato Grosso.

- c) Em 1884 e em 1887, Karl v.d. Steinen fornece informações detalhadas e escritas (ver Steinen, 1940) obtidos dos Bakairi.
- d) Em fins do sec. XIX, mesmo até 1950, a tribo Kayabi torna-se conhecida pela resistência ativa e acirrada contra a invasão do seu território no Rio Verde. Em 1927, na localidade "Lagoa", houve o massacre da tropa do Posto José Bezerra, por parte dos Kayabi.

6.2. Em que época anterior a 1844 consta a presença Kayabi na área do Nº 1 ? Em 1819 Antonio Peixoto de Azevedo foi agredido por uma tribo que os Munduruku denominavam de Parabi-tatá no rio Teles Pires no trecho compreendido entre a barra do Rio Verde e o rio Peixoto de Azevedo. E esta região se encontra ocupada pelos Kayabi ainda em 1950. (cf. A. Peixoto de Azevedo, 1820, in Grunberg, Beitrage, p. 40. Cf. também João Barbosa Rodrigues, 1875, l.cit. p.44) - João Barbosa desceu o rio Tapajós em 1872 quando foi informado pelos Munduruku a respeito da existência de uma tribo conhecida pelo nome de ~~Parabitetés~~, ou Parauaritis.

Em 1889, Oscar de Miranda, ao descer o rio Paranatinga, fazendo o levantamento com o tenente Teles Pires, encontrou no ~~mesmo~~ mesmo trecho, sinais evidentes do habitat de uma tribo que evitava todo contato. Felipe Bakairi, acompanhante da expedição, identificou os moradores desse lugar como sendo Kayabi. Felipe conhecia muito bem os Kayabi e seu modo de viver. (cf. Miranda, Oscar de, 1890, loc. cit, p.46).

Em 1915, Pirineus de Souza manteve os primeiros contatos diretos no mesmo habitat e as mesmas características indicadas pelos autores acima.

Os conhecidos Paribi-tata pelos Munduruku são os mesmos ~~Kayabi~~ Kayabi. Portanto os Kayabi já estão nessa região desde o séc. XVIII, ou desde fins do sec. XVII, data em que os Bakairi eram a atalaia "das vertentes do Maranhão" (aut: Pires de Campos, Breve Notícia ... 1727).

6.3. BAKAIRI e KAYABI. A pátria primitiva dos Bakairi teria sido o Salto do Paranatinga (Magessi). Devido a uma grave desavença entre eles, parte dos Bakairi emigrou para o Leste, isto é, para as cabeceiras do rio Xingu; a parte restante se alojou no Rio Novo e no Alto Paranatinga. Steinen afirma que essa separação ocorreu antes dos meados do sec. XVIII, quer dizer, antes de os Bakairi ocidentais se estenderem para o Sul, Este e Oeste, correspondendo à região entre as cabeceiras do Cuiabá, Paranatinga e Arinos.

É bom notar que os Kayabi estão intimamente ligados aos Bakairi na tradição mítica e histórica. As duas tribos conviveram pacificamente num corregozinho perto do Salto do Paranatinga (Magessi). Acrescente-se que uma das causas da desavença dos Bakairi foi o fato de os Kayabi serem considerados os "senhores da pedra para fazer machados", e também por causa de mulheres.

Esse fato ocorreu em meados do sec. XVIII, ou talvez antes, quando os Kayabi já estiveram presentes nesta região. Observe-se que a cidade de Cuiabá foi fundada em 1719.

6.4. O estudo da origem Kayabi e de sua presença pode ser recuada para uma data anterior à da "descoberta" do Estado do Mato Grosso.

Esta afirmação se estende para a questão da presença de outras tribos na área Kayabi. Isto ainda não está bem esclarecido, e nem a identificação precisa das mesmas, como "Tapyuna", "Nhambiquara", "Apiaká" e "Munduruku". Parece que a tal presença de outras tribos era esporádica, não simultânea e em partes do território, ou só de passagem - na procura de pedras de machado.

Os Kayabi conquistaram aos poucos uma posição dominante nesta configuração de tribos.

Esse trabalho foi feito para mostrar o fato que os Kayabi perderam todas as terras habitadas por eles até 1950, o ano da catástrofe, que se ultimou com a "operação Kayabi" em 1966, da qual escapou parte do grupo TATUÊ acantonados no SALTO KAYABI

BIBLIOGRAFIA

- 1940 Karl v.d. STEINEN - Entre os povos primitivos do Brasil Central, São Paulo. Trad. de, 1894, Unter den Naturvolkern Zentral-Brasiliens; Berlin.
- 1942 Max SCHMIDT, Los Kayabis en Matto Grosso (Brasil). in: Revista de la Sociedad Científica del Paraguay 5(6): 1-34, Asuncion.
- 1947 Los Bakairi, in Rev. do Museu Paulista 1:11-58 (SCHMIDT)
- 1963 Mário E. SIMÕES, Os "Txikão" e outras tribos marginais do Alto Xingu, in Rev. do Museu Paulista 14:76-104.
- Outras citações de obras e autores, extraídas de:
- 1970 Georg GRÜNBERG, Bern, "Beiträge zur Ethnographie der Kayabi Zentralbrasilien", Sonderdruck aus "Archiv für Völkerkunde Bd.24", Wien 1970.
- 1955 Fausto Vieira de CAMPOS, Retrato do Estado do Mato Grosso, São Paulo.
- Anos diversos - manuscritos pessoais.

Extraído de uma carta escrita em meados do corrente ano:

1 - Sobre a data de chegada dos Kayabi no baixo curso do Rio dos Peixes. A chegada foi muito anterior ao estabelecimento do Posto e Reserva Tatui. Conforme atesta a tradição já antiga dos Kayabi. O deslocamento paulatino, rio acima, motivou-se pelas incursões dos Munduruku. Assim o velho capitão Pitai e nas festas tribais cantam sobre esses conflitos. Em 1958 vinha subindo do Pará o Sr. João Lourenço, vulgo Paxiuba, trazendo na sua turma 4 índios Munduruku, que na barra do Arinos se negaram seguir para frente. Deram como motivo a presença dos Kayabi no Rio dos Peixes. - KEm 1959 Maderokudibá, índio Rikbaktsa viajando comigo, também não quis seguir viagem ao entrarmos na barra do Rio dos Peixes: "Kayabi, Kyabi!" Explicou: "Da barra do Rio dos Peixes para cima, terra de Kayabi! Nós, no outro lado (i.é, no lado esquerdo)".

2 - Medição em 1957. Uma delas, eram pelo menos três turmas, atravessou a área entre o Arinos e Rio dos Peixes, e além. Saindo das cabecérias do Rio dos Peixes, aproximadamente onde hoje está a Pensão da Baiana, alcançaram o Rio, já largo, no Km 280 mais ou menos; atravessaram e continuaram o trabalho no outro lado. Na volta fizeram canoas e desciam o rio. Foi uma operação em pleno território Kayabi. E logo as terras foram loteadas e postas a venda pelo estado de Mato Grosso, apesar das garantias constitucionais. A confusão de terras devolutas e "de índios", a vacilante legislação jurídica, a complexidade do problema indígena, os interesses econômicos, a longuidade dos centros civilizados do litoral, criaram no interior um ambiente ambíguo e adverso ao índio.

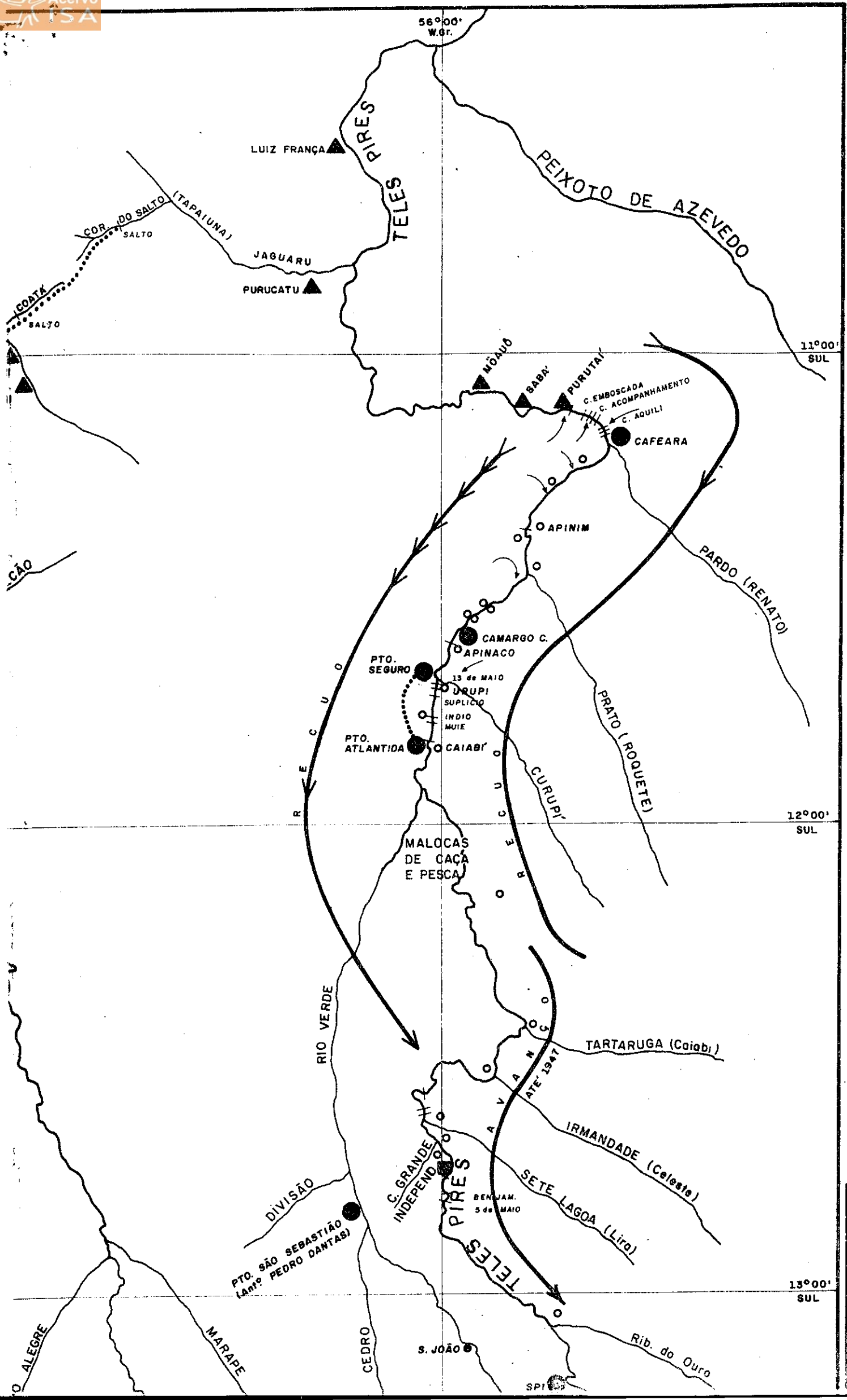
Leigo no assunto, pergunto-me, si o direito à posse da terra que índio tem não é anterior ao da UNIÃO.

... Agradeço o reconhecimento seu, do esforço da Missão Anchieta, para que o índio possa sobreviver na nesga de terra em que lhe "permitiram" viver."

Um cordial abraço

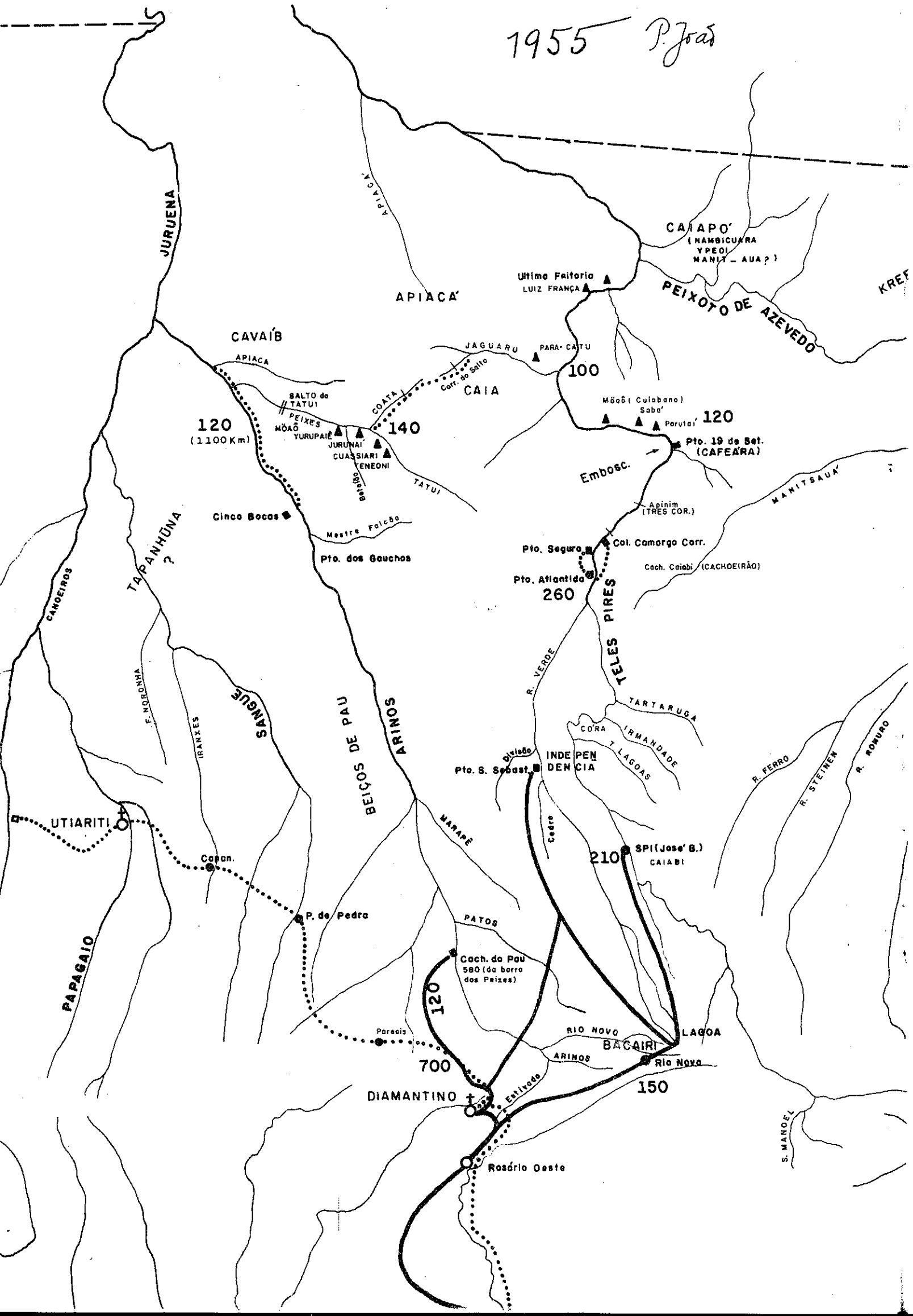
Pe. João Evangelista Dornstauder SJ

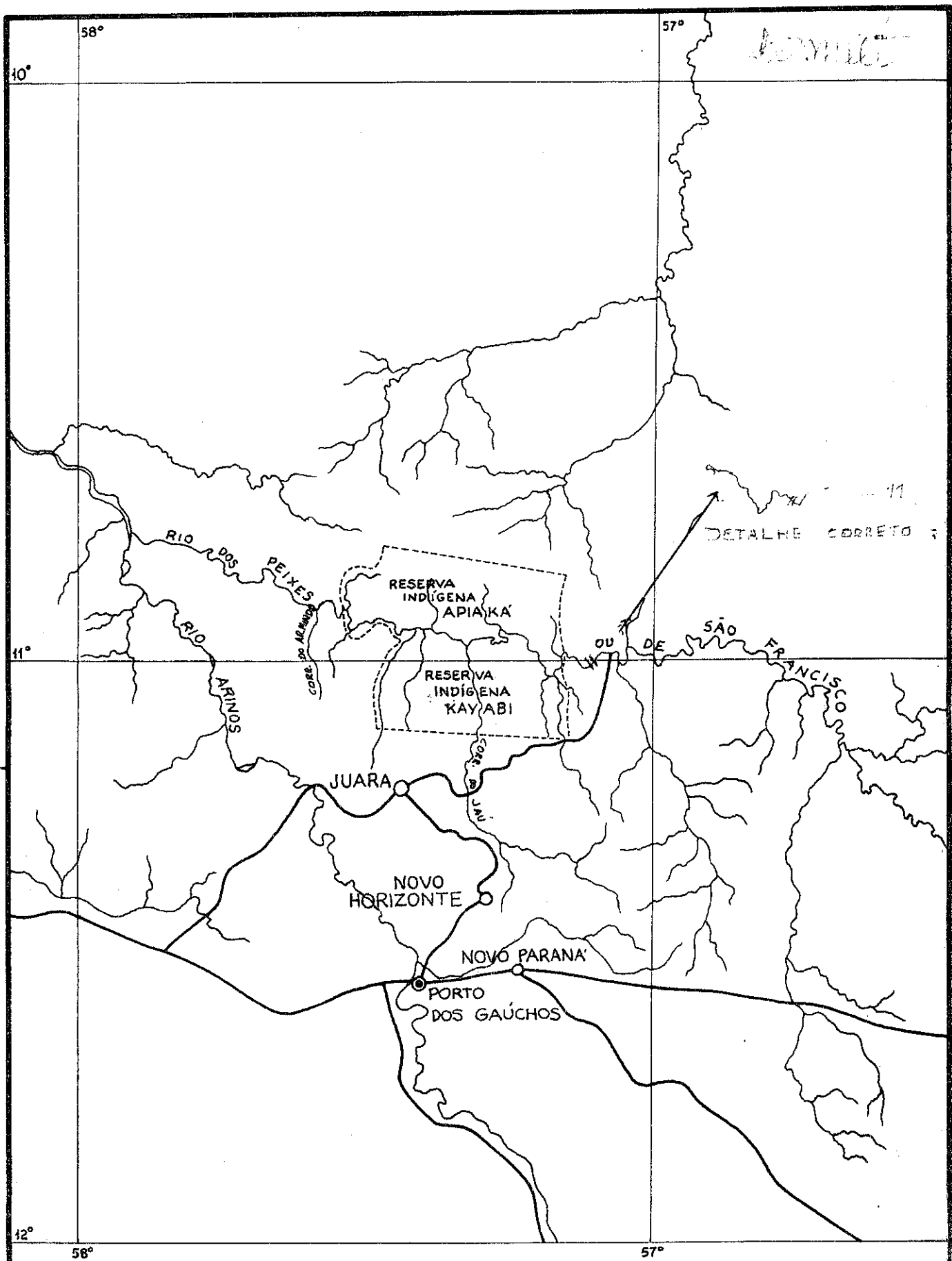
Pe. João Evangelista Dornstauder SJ
Diamantino, junho de 1983



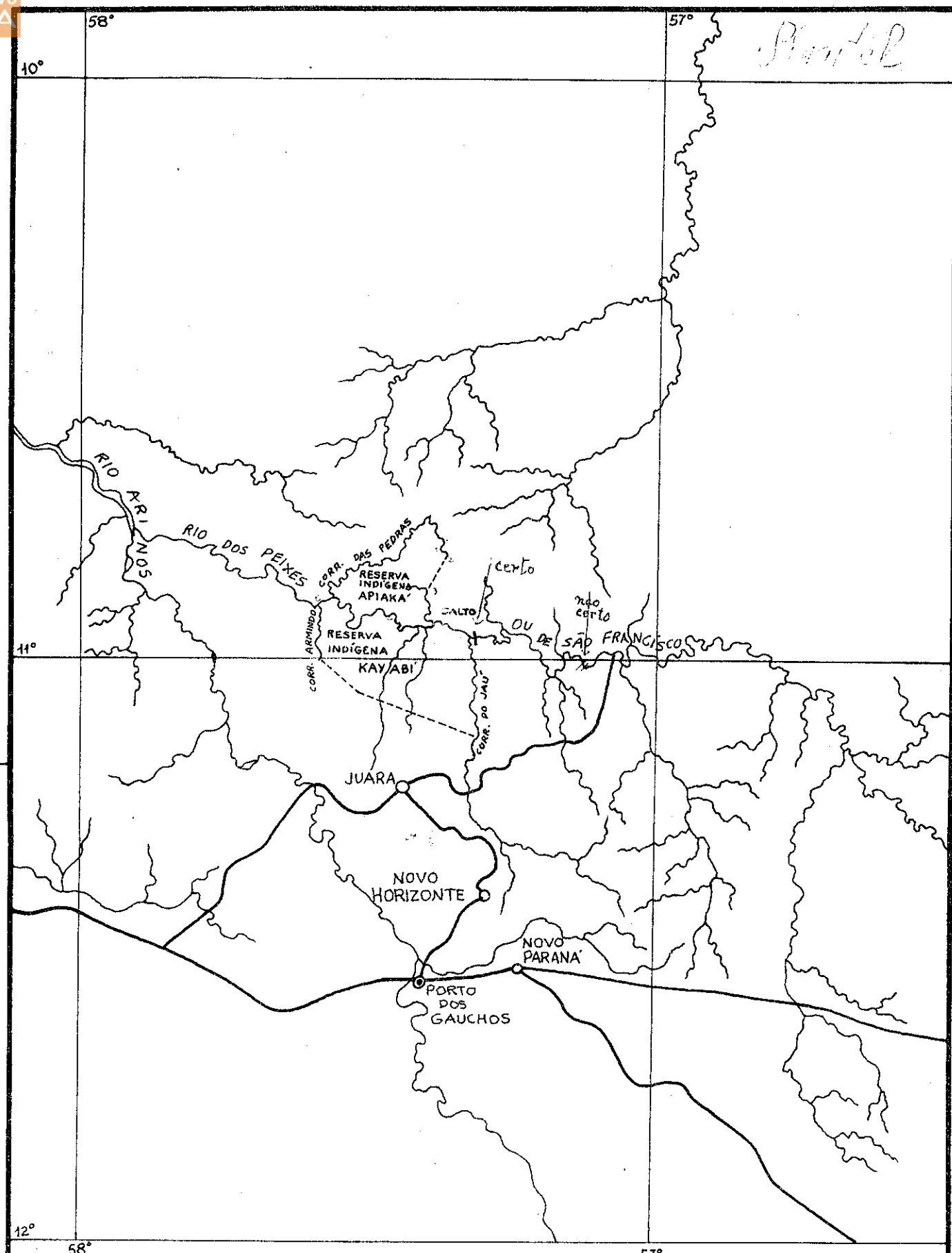
MAPA
 CALIZA
 ESTAD
 PELO
 (PADR
 TINO,
 O PRES
 LITTE
 JOÃO,
 EM FE
 FORAM
 TOPON

1955 P. João

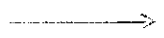




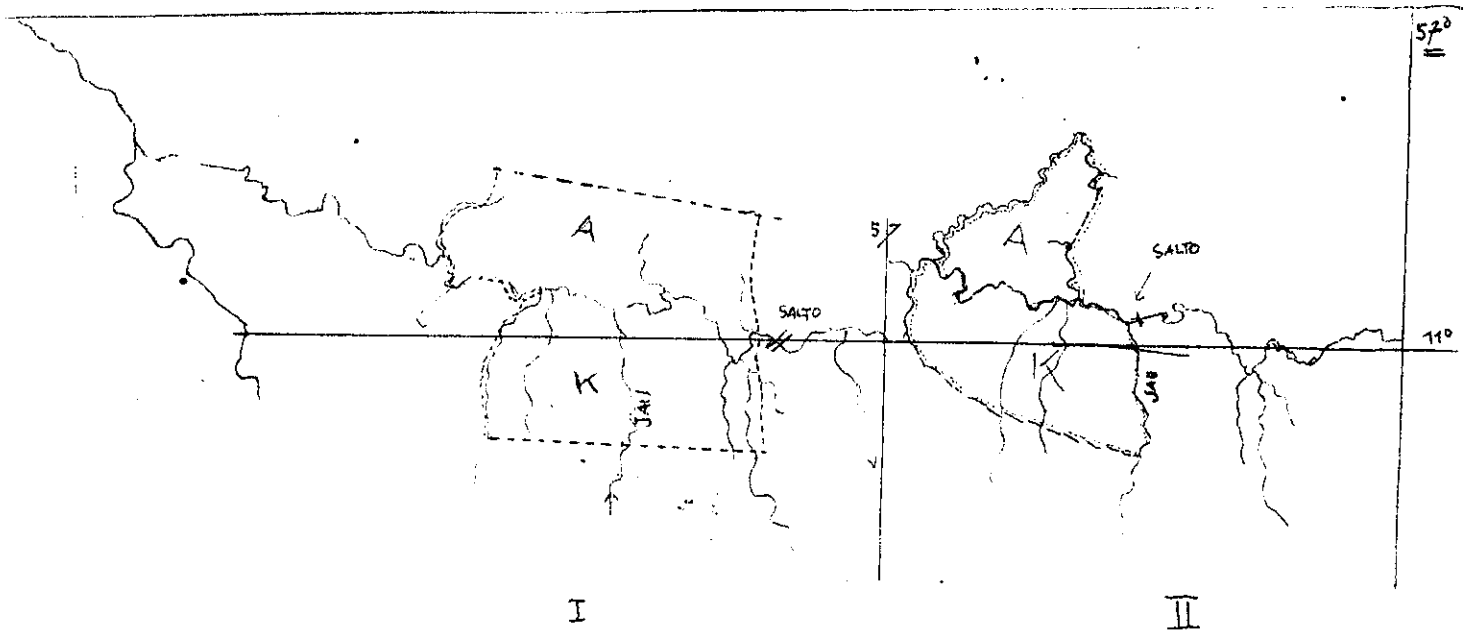
Detalhe da Carta do Estado de Mato Grosso - Dermat - 1979
entre os Meridianos 58°, 57° e Paralelos 10°, 11°, 12°, constando
os limites incorretos das Reservas Indígenas Kayabi e Apiaká.
Escala 1:1.000.000



Detalhe da Carta do Estado de Mato Grosso - Dermat - 1979 entre os Meridianos 58°, 57° e Paralelos 10°, 11°, e 12°, constando os limites corretos das Reservas Indígenas Kayabi e Apiaká, de acôrdo com os mapas das respectivas áreas, emitidos pela FUNAI/PLANTEL.



ESCALA 1:1 000 000



DETALHES do MAPA - DERMAT 1982

- I LIMITES DAS RESERVAS KAYABI e APIAKA INCORRETOS
- II " " " " " FUNAI/PLANTEL

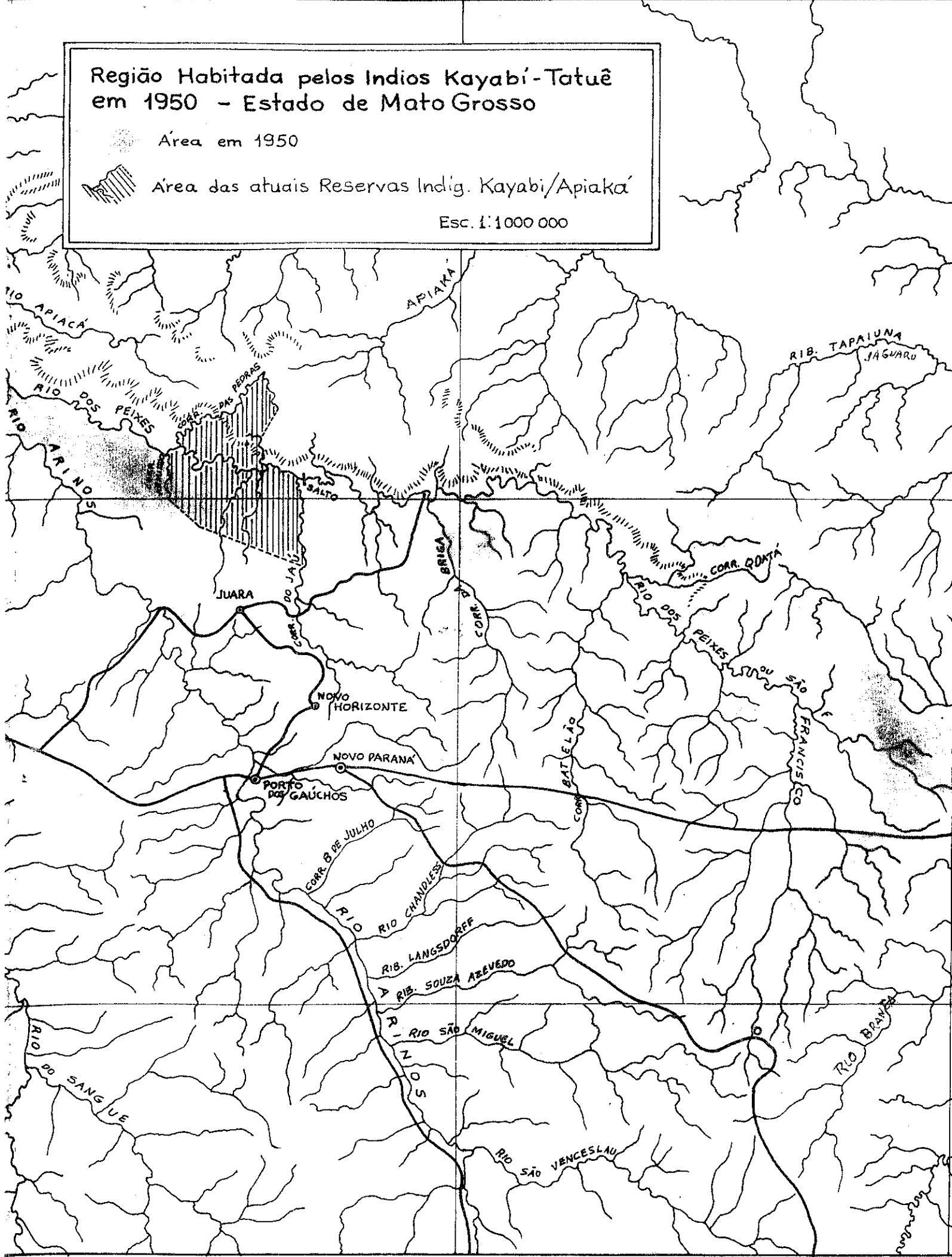
57°

5

Região Habitada pelos Índios Kayabi'-Tatuê em 1950 - Estado de Mato Grosso

 Área em 1950
 Área das atuais Reservas Indig. Kayabi/Apiaká'

Esc. 1:1000 000



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O direito intertribal não corresponde à legislação da sociedade nacional. Por exemplo, os 'índios' entre si reconhecem o direito de conquista, no caso de uma tribo ocupar o território de outra nação, ou ocupar um território livre.

No entanto, na relação entre a sociedade nacional e a tribo Kayabi não se aplica esse mesmo direito, mas o direito internacional: "Primi Ocupantes", isto é, os Kayabi merecem ser respeitados como soberanos no seu território, porque nele não havia nem portugueses e nem espanhóis antes deles.

É chegada a hora de serem reconhecidos os direitos dos Kayabi à sua terra original. Isto se espera oficialmente por parte do Governo da União, ou ao menos por parte da população envolvente - que estão na terra que os Kayabi dominavam até 1950. Com isso reparar-se-ia em parte a extinção de grande parcela do povo Kayabi - desterrado e depopulado.

Segue um trecho de um discurso do finado chefe Kayabi por nome Pitai (ou) Temeoni:

"... Antigamente a gente viajou muito longe, não houve civilizados; antigamente havia gente em todos os cantos do Arinos, a gente dizia: vovosinho (Apinakó). A gente viajava em canoa de casca por toda a parte. Todos tinham a mesma língua (Apiaká?). Aquela gente toda fugiu, só ficou um velho. Os civilizados eram muito bravos e casavam lá. Foi a primeira mulher deles..." (Grunberg, Beitrage, p. 172)

E hoje, o que diria?